

“A GENTE TEM HISTÓRIA DE JACU...”
LITERATURA INFANTIL, NARRATIVAS DE INFÂNCIAS EM
DIÁLOGOS IDENTITÁRIOS

RESUMO

Este trabalho parte de uma experiência etnográfica com crianças de uma Comunidade Quilombola no Espírito Santo. O corpus de análise são os repertórios culturais de infâncias repercutidos em suas cosmovisões africanas propiciadas pela literatura infantil afrodescendente. Neste estudo, destaca-se a criança como ser social competente (SARMENTO, 2006), por considerar o protagonismo de infantes em suas vocações, saberes e experiências produzidas em episódios interativos entre pares. O estudo em tela pautar-se-á por duas obras literárias: O rei preto de Ouro Preto (SYLVIA ORTHOF) e Cadê você, Jamela? (NIKI DALY). O trabalho perpassa por uma díade reflexiva - dialogar sobre o valor da literatura infantil afrodescendente inspirada em Estudos Culturais (BHABHA, 1998; GIROUX, 2003; HALL, 2003) no que diz respeito às representações, identidades e diferenças (SILVA, 2007), analisando as obras em suas possibilidades e limitações nas discussões das políticas afirmativas de valorização da etnicidade afrodescendente. E concomitante, acentuar as vozes leitoras das crianças, no corpo a corpo literário, compondo ou subvertendo enredos valorizando a construção de subjetividades das infâncias em consonância/dissonância ao lugar praticado (CERTEAU, 1994).

INTRODUÇÃO

*“Levanta menina que já é dia, amanhece a lida ninguém vadia, boi, carro, cavalo na carroça, levanta menina e segue para roça!”
(A memória oralizada, herança de minha mãe).*

Desde que o homem passa a relacionar-se com a natureza, passa a construir histórias. Histórias da mitologia grega, fábulas, histórias longas de contos de fadas com seus reinos e reinados sempre fizeram parte do universo humano e o acervo produzido pelas populações ao longo dos tempos são heranças dos antepassados, no sentido da preservação da memória.

Sendo assim, os enredos do “faz de conta” e do “era uma vez”, fundamentaram ricos arremedos linguísticos celebrados entre contadores e ouvintes, elos memoráveis de constituição das identidades sociais. Contar e ouvir histórias são modos de sabedoria cultural do existir humano na apropriação do mundo em processos de socialização.

Narrar histórias, não é ato solitário, não é ato de domínio do narrador, é ato de sociabilidades, em que os interlocutores mobilizam processos criativos, de invenção e improvisos sugestionando saberes e poderes, correlação de força no domínio da oralidade, domínio da cultura. Todos somos contadores e inventores de histórias.

Alguns povoados africanos têm como instrumento educativo a história oral (história contada), utilizada com o intuito de ensinar a sabedoria ancestral para os mais novos, a fim de que os jovens repassem estes saberes para as gerações seguintes, preservando e perpetuando os conhecimentos entre o povo. Nestas comunidades a contação de histórias salvaguarda os segredos do “bem viver” – no sentido de respeitar o outro e harmonizar-se com a natureza – fortalecidos no sentimento de existência, uma vez que “as lições da vida são ensinadas através da história dos parentes, dos antepassados próximos ou não, e de outras histórias como os mitos, que passam de pai para filho” (SILVA, 1995).

No exposto, constata-se que a história oral, para os povos africanos, é uma forma de preservação de patrimônio e também de permanência e resistência cultural, no sentido de frutificar e reverenciar a tradição dos antepassados no valor das experiências vivenciadas em comunalidade¹.

¹ Comunalidade, segundo Souza, é um partilhamento de saberes entre os atores de uma comunidade, são valores ideológicos, culturais entre um grupo de pessoas. A autora no caso se referia em sua dissertação sobre o princípio estruturador político e social das bandas de congo de Roda d’água.

Há um dito africano sobre tradição e valorização das comunidades – que reforça a responsabilidade nos sujeitos – de que eles nunca devem se esquecer dos saberes que a comunalidade ergueu e sofreu para assegurar seus entes e que rememorar o passado é sempre apropriado para revitalizar a sua civilidade. Eis o dito africano: “não importa o quanto o passado pode parecer enevoado, um futuro iluminado vai nascer dele. Se você souber de onde veio, saberá para onde está indo (DIAKITÉ, 2012, p. 9)”.

A história oral das comunidades africanas, são salvaguardadas como palavras sagradas pelos anciãos, os guardiões dos segredos do povoado, os griôs² comunitários. Estes griôs das comunidades tradicionais africanas consagram os filhos do povoado à iniciação de crescerem harmonizados com o tempo e o espaço da cultura, preparam os seus prósperos a reverberarem as memórias ancestrais, tendo-as como legado de existência, “[...] era ele quem me conduzia um passo à frente de mim [...]. O avô era um homem em flagrante infância, sempre arrebatado pela novidade de viver”. (COUTO, 1996, p. 9).

Nascer em uma comunalidade africana é confabular as histórias do seu povo, integrando ao sagrado o legado comunitário, o legado da oralidade e o legado da palavra, pois

o ancião não sonha quando rememora: desempenha uma função para a qual está maduro, a religiosa função de unir o começo e o fim, de tranquilizar as águas revoltas do presente alargando suas margens[...]. O vínculo com outra época, a consciência de ter suportado, compreendido muita coisa, traz para o ancião alegria e uma ocasião de mostrar sua competência. Sua vida ganha uma finalidade se encontrar ouvidos atentos, ressonância. (BOSI, 2004, p. 22)

Em qualquer espaço-tempo o valor das histórias orais está em puxar fios da memória cultural para os ouvintes fiarem repertórios imaginados, invocando a temporária suspensão do real. Contar história é arrolar palavras mágicas reavivadas em memórias, é re-inventar a vida em novas realidades, novas humanidades.

Esta comunicação é fruto de uma experiência vivenciada com um grupo de crianças com faixa etária de 3 a 5 anos, moradoras da comunidade Quilombola de Retiro, Espírito Santo.

Para compor este artigo, apresento a este fórum a metodologia de campo - um exercício de inspiração etnográfica – com crianças como porta-vozes das legitimidades e “contradições” culturais das existências negras em um mundo demasiadamente branco e as vivências e resistências infantis na legitimação de suas histórias.

² Pessoas que tem o ofício de passar e guardar a memória cultural de uma comunidade tradicional africana, geralmente mestres iniciados e iniciadores de um ramo tradicional específico (RIBEIRO, 1996, p. 56-57).

Neste espaço comunicativo acentuo “um romance – uma história longa” das crianças com as literaturas nas obras, *O rei preto de Ouro Preto* (SYLVIA ORTHOF) e *Cadê você, Jamela?* (NIKI DALY).

A alternativa de enriquecer a conversa com as crianças, aliada ao recurso literário em “cosmovisões africanas”, deram “pernas e pernadas” às narrativas. As crianças, ancoradas às linguagens estéticas das obras, imprimiam sentidos significados no decurso narrativo. Ao ouvirem as histórias, umas desconstruíam os caminhos de uma África distante, valorizando suas identidades e pertencimentos alinhados às forças dos seus chãos ancestrais. Outras, tomando o viés contraditório compunham uma estética encorpada de preconceitos, herança determinista dos processos de imposição colonial, estreitada em nosso diálogo:

- A historia que vou contar hoje se chama “O rei preto de Ouro Preto!”
Vocês sabem o que é um rei? Perguntei a um grupo de crianças.
- Eu sei. É um homem que fica com um pauzinho³ e tem uma coroa de ouro na cabeça. Responde-me Gabriel.
- É isto mesmo Gabriel, vou contar a história de um Rei preto de Ouro Preto, um rei muito bonito! Mostro-lhes a capa do livro e neste momento, ao ver a figura, Manu diz:
- Bonito não tia, é feio!

São estes coros e decoros, que buscamos captar para este diálogo literário em linha de discurso de valorização da ascendência de nossas negritudes que, no entanto, as negavam logo de entrada.

O caráter interpretativo realizado por estas crianças na crítica ao enredo literário que, mesmo no pendor às vias de afirmação, perpetuava a tendência histórica vigente. Na fruição leitora, as crianças tripudiavam as abstrações estéticas da produção ficcional de africanidades dando a entender que aquele mundo imaginado pela autora era fugidio.

- Porque você acha ele feio? Perguntei para a menina.
- Porque ele tem cara preta. Respondeu-me ela.
- Só por isto Manu? Você acha ele feio porque ele é preto?
- Porque ele é feio. O fogo está pegando no rosto dele.

O que se almeja não é submeter as obras à crítica literária. Sobretudo, o que se quer refletir são os agenciamentos das culturas infantis na capacidade de desconstruir lógicas arraigadas ao universo ficcional produzindo outros ecos às existências africanas. O fundamento literário é trazer aos leitores realidades possíveis de serem imaginadas para o conhecimento de si e do outro, perspectivando sentidos de alteridade.

³ Cetro – insígnia dos reis

No movimento, as crianças sobrepujam outras narrativas, apontavam inscrições infantis, identificando os pontos em que as histórias se cruzam e/ou distanciam-se em juízos culturais críticos a culturas dos adultos.

Os cerzidos polifônicos que a literatura proporciona legitimam autorias, valendo-se dos cruzamentos de códigos culturais dinâmicos, na fruição da linguagem estética, criativa e inventiva, que se improvisa a cada encanto ou a cada confronto, por ser guarda-força de palavras. Como no enunciando de Matheus:

- Ele é bonito. Disse outra criança: o Matheus.
- Ele feio, ele tem cara preta e porca. Diz outro menino chamado Caio. E Matheus logo responde:
- Não é porca, é bonito! E ao terminar de dizer, outra menina chamada Anelise fala:
- Tia, não é rei não tia, eu nunca vi rei preto.
- (Matheus e Caio começam a brigar):
- Matheus e Caio, venham cá!
- (Quando eles chegaram perto, continuei a história)
- O rei adorava o povo. Que bacana era o povo!
- Analice interrompe novamente: “Cadê o povo?”

O que se quer apresentar neste campo é que as crianças são atores sociais e na convivência societal não acatam passivamente o caráter adultocêntrico, pleiteiam autorias e reconhecimento dos seus arremedos culturais nas linhas de forças discursivas da literatura apresentada. Realmente, o que se apontava ao longo da narrativa dava a ver uma literatura corrompida. Na continuidade da história, muitos sobressaltos emergiram no coletivo e os estigmas e estereótipos gestados na obra foram confrontados pelas crianças.

- [...] As crianças começaram a falar junto com a história, me mostrando outros livros.
- Dou continuidade com outro tom de voz para chamar atenção das crianças:
- E aí, após os homens brancos encherem suas panças - bati na barriga - os homens brancos prenderam o negro rei. Estão vendo?
- A história está quase acabando? Analice pergunta [...]

O corpus literário Afrodescendente cativo

A lei nº 10.639/2003 gera uma demanda específica da obrigatoriedade do ensino da história e da cultura afrodescendente em todos os níveis e modalidades do sistema educacional em nosso país. Nesta perspectiva, o crescimento do mercado editorial acompanha o acolhimento destas políticas abrindo espaço para representação dessa identidade negra no *lócus* literário incentivando os autores a construir narrativas enredadas em uma genealogia africana. No entanto, alguns literatas patinam em reproduzir preconceito no âmago dos seus escritos. São

parcas as obras literárias de valorização da ancestralidade, da memória, da oralidade e ludicidade nas vivências das égides africanas.

A literatura deste segmento parece estar ainda a ensaiar suas riquezas. Geralmente os conteúdos são esvaziados ou prenes em reforçar a história oficial do negro escravo, rememorando os enredos de exclusão, persistindo uma fruição “cativa” dos porões negreiros em estatuto de dominação eurocêntrica.

A literatura ainda está por vir a imaginar a genealogia do povo negro que luta por equidade social, que sonha com uma comunidade impregnada nas mitologias vivificadas no simbolismo ancestral, de energia que transita num círculo de poder e saber que não se fecha e nem se cristaliza, mas que se transfere: são os valores civilizatórios em modos de existência em suas invenções sociais imaginadas em cultura circular, salvaguardando zelosamente um repertório de memórias.

Se faz hora de uma escrita literária com protagonistas negros (as) envoltos a dignas representações sociais, em imaginários personificados nos espaços das “aldeias ficcionais”.

Customizando histórias



Em contraponto ao Rei Preto, encontramos na obra Cadê você, Jamela? a representação de infância compondo novos textos, onde as crianças de pronto já se viram identificadas, por ser a obra um modo literário de brincar revelando culturas infantis. O enredo narrativo que compõe a obra já remete ao mundo imaginário das infâncias.

A tentativa dessa construção literária em jogo duplo de imagens/oralidade rompe a linearidade

das estereotípias adultocêntricas e provoca o(a) leitor(a) criança a interação com os personagens em seus espaços ficcionais, espaços narrativos. LIMA (2005, p. 102) considera que a literatura é “[...] um espaço não apenas de representação neutra, mas de enredos e lógicas, onde ao me apresentar eu me crio, e ao me criar eu me repito”.

O jogo de palavras e das imagéticas, atraíam as crianças a acionarem suas subjetividades, corporeidade e ludicidade. É um convite a brincadeira, a traquinagem, estimulando as crianças agirem e a pensarem, a participarem como protagonistas uma vez que todos os personagens são negros e seus estilos e concepções de vida remetem ao cotidiano de suas vivências.

A obra “Cadê você, Jamela?” faz parte de uma coletânea de quatro obras e trata o universo da criança negra em mundo mais realístico, por abranger valores humanos, étnicos, éticos e estéticos em uma narrativa que alinha uma gama de significados recorrentes do imaginário de infância. A abordagem em seus espectros envolve sensibilidade, imaginação e criação.

Quando a narrativa foi contada para os infantes, deflagrou escutas, olhares, gestos e vozes, por ser o enredo sensível às crianças em seu modo de significar a vida. A leitura da obra foi construída em “viva voz” com a visualização das imagens voltadas para as crianças, pois este modo de narrativa “é uma leitura que considera o valor das pausas, da alteração da voz, do jogo de ritmo e das sensações, desses elementos que poderão provocar o corpo da criança que ouve” (FRONCKOWIAK e RICHTER, 2005, p. 101).

O texto literário, em suas minúcias, projeta uma identidade que não luta por se afirmar, legitima-se por autorizar-se a ser negro, fortalecendo uma estética positiva de identidade étnico-racial, trazendo a cultura africana, nos seus valores cotidianos, incluindo o respeito no direito da criança nesses valores de cultura.

A narrativa põe em cena um conjunto de espaços, atividades e personagens retratados do ponto de vista infantil. Traça os vários derredores de infância em seus brinquedos e brincados, além de projetar as relações familiares e comunitárias.

Desse modo, o texto que aparentemente se mostra simples, é potente e possível às constituições das subjetividades infantis. A narrativa é dialógica e polifônica, agregando valores aos “pequenos leitores” interseccionalizando ideias emancipatórias acopladas ao desencadeamento de novas histórias, permitindo inúmeras leituras.

*“Cadê você, Jamela?” é a história de hoje.
– Janela? Pergunta Caio.
– Não é Janela, é Jamela. Respondo para ele.
– Ela estava em casa, subindo no portão – e faço barulho e as crianças dão gargalhadas.
– O carteiro chegou à porta da casa da menina e disse que havia uma carta para a sua mãe. Jamela pega a carta e entrega a sua mãe que aparece na janela. Como é o nome da Menina?
– Janela. Janela, janela, janela. Respondem as crianças.
– É tramela? Diz gabriel
– E Janela ou Tramela, Jamela nunca vi tia? Diz Anelice.*

Ao contar a história, a minha intenção não era inseri-las no mundo dos códigos alfabéticos, era instigar a oralidade no sentido de aquisição da linguagem como composição social, pois de acordo com Mendonça (2015) “a língua deve ser compreendida pelos seus aspectos filosóficos, literários e poéticos, a fim de que as crianças possam desenvolver a criticidade e a criatividade como um processo inseparável de produção de saber”, consideravelmente fundamentado nos enredos que se arrolam na obra.

Destaca-se a lúcida sugestão que acorda a narrativa no paralelismo linguístico da palavra Jamela-Janela. Articulado por vogais abertas, as palavras carregam consigo uma definição de identidade específica na produção imanada a alteridade, ao encontro com outro, com inesperado, com o novo, compreendendo espaço e tempo que se cruzam para produzir figuras complexas de diferenças e identidades, passado e presente, interior e exterior, inclusão e exclusão (BHABHA, 1998). O ápice, do paralelismo linguístico Jamela-Janela, sensibiliza um jogo sonoro e semântico velado e revelado na construção, a hipótese de uma história que se abre a outros rumos, uma janela que se abre do jeito que se quer.

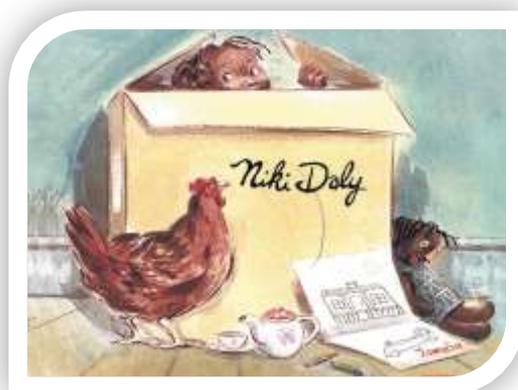
“Cadê você, Jamela?” é também campo discursivo que nos remete a uma indagação filosófica de causas sociais da legitimidade de se afirmar negro. “Cadê você, Jamela?” é um chamamento, uma provocação a negritude a permanecer em luta por seu lugar de afirmação. É instigar à resistência da naturalização da permanência de vida em condições de desigualdade social e étnica. “Cadê você, Jamela?” é um pressuposto de reivindicação de equidade social.

Uma outra marca importante, digna de nota, é a forma estética do linguajar, postulado da riqueza oral africana, explícito no “cadê” ou “quede” ao invés de “onde está”, remetendo à forma regionalizada da linguagem, apreçoada à tradição do contar de uma forma simplória.

Essas imagens são postergadas na formação de uma identidade como um jogo de conexões e de marcar a diferença. A identidade é aquilo que ela não é, ou seja, toda identidade é

relacional. Na especificidade identitária há algo do outro, que lhe impõe a diferença e, ao mesmo tempo, lhe dá condições para existir.

A obra em sua capa ilustra o tempo lúdico infantil em uma substância de práticas com que as crianças se expressam no acervo de jogos simbólicos, apresentado artefatos e provocando um jogo de esconde-esconde, acentuando as culturas infantis.



A guarda do livro remete a criança a seus escritos, às suas pinturas, às marcas pictóricas. Compõe um jogo indiciário. Apresenta a personagem Jamela saindo de uma caixa de papelão, e a folha de rosto mostra Jamela entrando na caixa. Essas são as etapas que vão se mostrando à criança-leitora, convidando-a a entrar no mundo do brincar, do faz de conta; criando uma intimidade com a protagonista, arrematando as crianças a participarem do jogo.



Muitos outros elementos podem ser analisados, no entanto, importa trazer à tona nesta

comunicação as crianças nas relações de identidades de infâncias atreladas a saberes e cosmovisões africanas na arte do brincar, vivificando o universo lúdico em uma chama que alimenta o brincante negro (a) em sua territorialidade, apresentando os valores civilizatórios afrodescendentes partilhados e ressignificados na obra, a partir do lugar praticado (DE CERTEAU, 2006) de infâncias na comunidade quilombola.

No caderno “Modos de brincar” do projeto “ A cor da cultura”, na temática “os valores civilizatórios na educação infantil”, Trindade (2010) nos apresenta alguns valores africanos, tais como: circularidade, corporeidade, musicalidade, comunitarismo, ancestralidade, memória, ludicidade, oralidade. Este conjunto de saberes e fazeres foram identificados na obra literária e os valores identitários emprenharam a narrativa”.

Ao dialogar com a obra, exercia-se um legado lendário de vivência africana, vivência circular. “Desde aqui de dentro” adentro-me a “Janela-Jamela” das infâncias constituo-me em negritude, encarnando um griô da comunidade em potência de vida e de energia circular, renovando-se em muitos axés, construindo uma “ecologia de saberes”⁴, Santos (2010) que outrora foram subalternos nos recôndidos tumbeiros e naquele instante, em tempo brincante, concilio-me nas muitas infâncias daquela comunidade, reconstituindo a minha própria.

A comunalidade se fez chama, a territorialidade fundou chão.

Jamela guardou sua Galinha em uma gaiola, pegou suas xícaras pequenas e enrolou tudo no jornal para não quebrar. Será por quê uma caixa só para Jamela?”

Joyce – Para levar as coisas dela. Jamela tem jacu?

Pesquisadora - o que é jacu?

Joyce – Jacu, jacutia a gente da comida pro jacu...

Pesquisadora – E Jamela sentou ao lado da sua caixa e começou...

Joyce – A chorar. O tia, a letrinha de Jamela é igual a de Joyce?

Pesquisadora – É sim.

Caio (grita) – Joyce Janela entrou na caixa. Sabida, Janela é boazinha mais é amolada igual você, ela entrou dentro da caixa, ta com raiva

Joyce – ela é Jamela e não é amolada, ela tá tistinha.

Pesquisadora “E o que aconteceu depois?”

Joyce – Ela chorou e entrou dentro da caixa para mãe dela não ver ela.

Pesquisadora - E depois o que aconteceu?

Joyce – Jamela dormiu dentro da caixa.

Pesquisadora – E como você sabe que ela está dormindo?

Joyce – Porque ela estava com cara de sono. Olha lá pegaram a caixa de Jamela para colocar no caminhão. E ninguém sabia...ai ai, ai ai. A caixa ta pesada, coitado dele.

Pesquisadora – E agora, gente, cadê Jamela? Onde está Jamela? Será que está brincando?”

⁴ “ [...] Todos os conhecimentos sustentam práticas e constituem sujeitos. Todos os conhecimentos são testemunhais porque o que conhecem sobre o real (a sua dimensão ativa) se reflete sempre no que dão a conhecer sobre o sujeito do conhecimento (a sua dimensão subjetiva)”. (Santos, 2010, p. 58).

Joyce – Brincando de pique esconde.

Caio (eufórico) – Ela está dentro da caixa. E todo mundo procurando Jamela.

Joyce (rindo) – E Jamela dentro da caixa!

Pesquisadora – Ai, meu Deus, cadê Jamela, a última vez que vi Jamela estava brincando de boleba.

Caio (grita) – Eu hein! Eu jogo bolinha de gudinha.

Pesquisadora – Gudinha?

Caio – Gudinha tia! Você não sabe nada.

Pesquisadora – Gudinha é boleba?

Matheus – E bolinha de gudinha.

Joyce – E Jamela sumiu e nada de Jamela. E a mãe dela tia chamou os policiais. A polícia chegou?

Pesquisadora – E a mãe contou toda a história.

De repente o policial olhou para o caminhão e disse: por acaso não é aquela menina que está ali?

Joyce (rindo) – Ela deve ter entrado na caixinha e acabou dormindo.

Caio (ronca).

Pesquisadora - Vamos conversar sobre a história.

Analice – Você pode deixar eu ver, tia?

Fui até o meio das crianças e aponto os personagens e aponte para Jamela as crianças falaram, automaticamente, “Jamela”.

Pesquisadora – E como é o cabelo de Jamela? É enrolado?

Raysa – é igual de Joyce.

Joyce – Um monte de pregadeirinha. Jamela tem um cachorro, um monte de coisa, tem uma cadeira, um armário e uma geladeira.

Joyce (rápido) – Tia, eles estão correndo atrás da galinha. Será que Jamela tem jacu?

Riquelme – só nós tem jacu. Só a gente tem história de jacu.

Analice – Jamela ficou bem triste, me dá o livro, tia? - E pega-o de minha mão. Pessoal quem é essa de azul e amarelo?

Analice (imita-me e toma meu lugar) - É a avó dela.

Joyce – E a caixinha de Jamela é leve ou pesada?

Analice – É pesada.

Joyce – Já viram que Jamela tem a letra igual a minha?

Analice – E o caminhão de mudança?

Caio – É vermelho.

Analice – E a saia?

Joyce – Não é saia não. É calça azul e amarela.

Analice (estava com o livro voltado para as crianças e perdeu-se no contexto) – É um homem! Porque não é uma mulher de roupa.

Joyce (aproveitou a confusão de Analice toma seu lugar e faz uma pergunta) – Cadê Jamela? Será que ela consegue levantar uma cama, uma geladeira e sair da caixa?

Analice – E que cor é a mãe de Jamela? É preta! E Jamela é pretinha?

Joyce – Marrom.

Analice – E a avó de Jamela qual a cor? (Nada responderam).

Pesquisadora (intercedo) – É pretinha?

Eles responderam – branquinha.

Pesquisadora – Onde que ela é branquinha, ela é pretinha!

Caio – É marrom, tia.

Pondero e peço para que eles olhassem com atenção.

Caio – É marrom, mas ela é pretinha igual Joyce.

Pesquisadora – Realmente, ela está pintada de marrom, Caio.

(Diário de campo da pesquisadora).

O canto dos jacus

O exercício griô na comunidade quilombola rendeu muitos fios. Na tessitura das obras o “Rei Preto de Ouro Preto” e *Cadê você Jamela?* duas questões ficaram presentes nos apontamentos narrativos das infâncias: o diálogo de exclusão e de inclusão. Na estética da narrativa, submeter um rei negro em uma composição que requer explicação induziu as crianças a tecerem suas próprias conclusões, impondo ajustes e correções na realeza apresentada: – *Tia, não é rei não tia, eu nunca vi rei preto.*

Esta proposição é significativa para pensar as diferenças entre negros e brancos e a propagação de uma entrecruzada cultura eurocêntrica. O Rei preto de Ouro Preto, embora adentrasse a um percurso narrativo pela via da afirmação, tem subestimada sua carga lúdica de magia de uma “realeza majestosa”. O que se viu foi muito sangue, muito fogo, correntes e açoites o que propagou uma estreita relação de permanência ideológica de exclusão, atadas à submissão de um mundo branqueado do poderio hegemônico. As crianças ao interagirem com a obra abriram espaço de resistências às permanências.

Em *Cadê você Jamela?* abre-se um veio africano em fontes e axés, numa “questão do saber, poder e identidade” (SILVA, 2002).

A qualidade artística e estética fomentou um campo de possibilidades de identidades, pertencimentos e territorialidade as infâncias que ali se produziam. A metáfora do brincar da “caixa de Jamela” configurou possibilidades de ascendência e deslocamento, revelando uma paridade com as vivências das crianças em seus mundos imaginados.

Nas duas obras, passado e futuro se imbricam. O rei preto permanece arrastando correntes em um passado subjogado e Jamela abre-se a um futuro humanizado, pois a estética da narrativa propaga divindade, agrega força mítica, configurando nas infâncias a construção de suas subjetividades. O enredo narrativo abriu espaço para o exercício da autonomia infantil, fortalecida no sentimento de alteridade em suas cosmovisões africanas.

Jamela propaga encantamentos, pareamentos e interações. Joyce abre-se à abstração, inter-relacionando tradição: “*Será que Jamela tem jacu?*”. Riquelme, apoderado, toma o jacu como legado: “só nós tem história de jacu”. E as infâncias ecoaram nos (en)cantos dos jacus. E outros tempos se abriram na Comunidade Quilombola de Retiro. Nas “janelas de Jamela” o exercício griô se celebrou.

REFERÊNCIAS

BHABHA, Homi K. **Identidade**. Rio de Janeiro: Zahar. 2005.

_____. **O local da cultura**. Tradução: Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. 2ª edição. Belo Horizonte: UFMG. 2013.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Lei nº 10.639/2003 de 09 de janeiro de 2003**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/CCivil_03/leis/2003/L10.639.htm>. Data de acesso: 23/06/15.

CERTEAU, Michel De. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis: Editora Vozes. 1996.

COUTO, Mia. **Nas águas do tempo**. In:_____. Estórias Abensonhadas: contos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.

DIAKITÉ, Baba Wague. **O dom de infância**. Tradução Marcos Bagno. Edições SM. 2012.

FRONCKOWIAK, Ângela e RICHTER, Sandra. **A dimensão poética da aprendizagem na infância**. In: Reflexão e Ação: Revista do Departamento de Educação – Infância e Educação: a cumplicidade do aprender – Santa Cruz do Sul: Edunisc, vol. 13, nº 1, p. 91-104. jan./jun. 2005.

GIROUX, 2003.

HALL, Stuart. 2003.

LIMA, 2005.

MENDONÇA, 2015.

MIRANDA, Marina Rodrigues. **Leitura de imagens: da casaca à konshaça–mediações na particularidade do enredo cultural serrano, na formação de professores em educação à distância**. Vitória, 2007. Originalmente apresentado como Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Espírito Santo.

RIBEIRO, 1996.

SANTOS, Boaventura Sousa e MENESES, Maria Paula (Org.). **Epistemologia do sul**. São Paulo: Cortez. 2010.

SARMENTO, 2006.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. **Africanidades: como valorizar as raízes afro nas propostas pedagógicas**. Revista do Professor, n. 44, out./dez. 1995.

SILVA, Tomaz Tadeu da. Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo. 3ª ed. 1ª reimp. Belo Horizonte: Autentica. 2010.

SOUZA, Edileuza Penha de. **Tamborizar: história e afirmação da auto-estima das crianças e adolescentes negros e negras através dos tambores de congo.** Dissertação de mestrado em Educação. Salvador: UFB, 2005.

TRINDADE, Azoilda Loretto da. **Os valores civilizatórios e a educação infantil: uma contribuição afro-brasileira.** In: Modos de brincar: caderno de atividades, saberes e fazeres. (Org.) Ana Paula Brandao, Azoilda Loretto da Trindade. Rio de Janeiro. Fundação Roberto Marinho. 2010.